



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE LETRAS

**CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA: O PRIMEIRO
ROMANCE MODERNO DA AMAZÔNIA**

ISABEL DOS SANTOS

Porto Alegre
2010

ISABEL DOS SANTOS

**CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA: O PRIMEIRO
ROMANCE MODERNO DA AMAZÔNIA**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito
parcial do grau de Licenciatura
em Letras pela Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^ª Dra. Márcia
Ivana de Lima e Silva

Porto Alegre
2010

Aos meus amores: Antonio Paulo,
Miguel, Luís Fernando e Marli, minha
mãe.

Agradecimento

À professora Márcia Ivana, orientadora deste trabalho, pelos seus conhecimentos, sua atenção e boa vontade.

“Eu digo tão simplesmente: é a farinha d’água dos meus bijus (sic). Sou um também daqueles de lá, sempre fiz questão de não arredar pé de minha origem e para isso, ou melhor, para enterrar o pé mais fundo, pude encontrar uma filiação ideológica que me dá razão. A esse pessoal miúdo que tento representar nos meus romances chamo de aristocracia de pé no chão.”
(Dalcídio Jurandir, Folha do Norte, 23 de outubro de 1960).

*“Chove nos campos de Cachoeira
E Dalcídio Jurandir já morreu
Chove sobre a campa de Dalcídio Jurandir
E sobre qualquer outra campa
A chuva não é um epílogo,
tão pouco significa sentença ou
esquecimento...
Falei em Dalcídio Jurandir.”*

Carlos Drummond de Andrade

Resumo

A presente monografia traz um estudo da primeira obra do Ciclo do Extremo Norte, de Dalcídio Jurandir. A obra *Chove nos campos de Cachoeira* foi escolhida devido a pouca divulgação da literatura dalcidiana. Um lapso que precisa ser revisto. Primeiramente analisa-se a recepção da obra, reconhecimento literário e difusão, também o enredo é exposto com destaque para protagonistas e personagens com papéis fundamentais. Em seguida uma breve análise do narrador. Foram observados também contrastes com outras obras do mesmo período literário, em especial com o livro *Vidas secas*. Apresentação da linguagem, da oralidade, do narrador e da estrutura também norteou o trabalho.

Palavras-chave: Dalcídio Jurandir; Romance moderno; Narrador; Personagem

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA	16
3 O NARRADOR DALCIDIANO	25
4 ALFREDO, O PRIMEIRO PROTAGONISTA	29
5 EUTANÁZIO, O SEGUNDO PROTAGONISTA	33
6 IRENE E O RISO DE IRENE	39
7 NARRATIVAS DE LUGARES	43
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
ANEXO	50
REFERÊNCIAS	51

1 INTRODUÇÃO

A escolha pela obra de Dalcídio Jurandir é um resgate ao autor esquecido, cujos romances merecem a divulgação e leitura. A sua obra tem como tema as pessoas, no que entremeia outras temáticas como o amor, ciúmes, morte, poder, dinheiro, hierarquias sociais. O estudo da obra de *Chove nos campos de Cachoeira* é uma escolha que busca conhecer a literatura de um grande romancista que por hora está esquecido das rodas literárias e inacessível ao leitor comum. A biografia de Dalcídio Jurandir mostra o quanto sua obra tem de qualidade literária e de aceitação por seus colegas escritores.

O objetivo do presente trabalho é analisar a obra na sua estrutura narrativa e o envolvimento das personagens no enredo. Intenciona-se fazer um breve resumo da obra, contextualizando-a ao seu tempo, analisando os possíveis pontos em comum com outras obras do mesmo período, tanto na estrutura, no tema, quanto na formação das personagens.

Outro enfoque foi o narrador dalcidiano e sua postura narrativa, procurando destacar como se comporta a voz da obra em *Chove nos campos de Cachoeira*, embasando-se em textos de Walter Benjamin e Theodor Adorno. Destacando-se os protagonistas e algumas personagens secundários, priorizando suas peculiaridades e papéis dentro da narrativa.

Um trabalho de aproximação da obra dalcidiana com o clássico “Vidas secas”, foi outro ponto de pesquisa que encadeia esse estudo. Para isto, buscou-se teorias que fossem condizente com a leitura da obra.

Com este estudo imaginamos colaborar para a difusão da obra do autor, bem como para a ampliação de sua fortuna crítica.

Autor da literatura amazônica, Dalcídio Jurandir também escreveu sobre o Sul do país, na obra chamada *Linha do Parque*, um livro de cunho sociopolítico, assim definido pelo próprio autor. Creio importante iniciar a leitura por informações sobre a obra dalcidiana para melhor incluí-lo no trabalho que tem como foco seu livro rebento *Chove nos campos de Cachoeira*.

Dalcídio Jurandir, nascido em Ilha do Marajó em 1909, tornou-se conhecido quando ganhou o prêmio Vecchi-D.Casmurro de Literatura no ano de 1940, promovido pela Editora Vecchi, publica no ano seguinte com o valor recebido do prêmio: *Chove nos campos de Cachoeira*. A comissão que avaliou o romance foi composta por Jorge Amado, Oswald de Andrade, Álvaro Moreyra e Rachel de Queiroz.

Entre os anos de 1941 a 1978, publica dez obras, que compõem o chamado “*Ciclo do Extremo Norte*” são elas: *Chove nos campos de Cachoeira* (1941), *Marajó* (1947), *Três Casas e um Rio* (1958), *Belém do Grão Pará* (1960), *Passagem dos Inocentes* (1963), *Primeira manhã* (1967), *Ponte do Galo* (1971), *Os Habitantes* (1975), *Chão dos Lobos* (1976), *Ribanceira* (1978). O livro do Extremo Sul, *Linha do Parque*, foi publicado em 1959.

No Pará, o autor escreveu para os jornais *O Imparcial*, *Crítica e Estado do Pará*; e colaborou com as revistas: *Escola*, *Guajarina*, *A Semana*, *Terra Imatura*, *Novidades*. No Rio de Janeiro, foi colaborador de *O Radical*, *Diretrizes*, *Diário de Notícias*, *Correio da Manhã*, *Tribuna Popular*, *O Jornal*, *Imprensa Popular*, com as revistas *Literatura*, *O Cruzeiro*, *Vamos Ler!*, *Cultura Política*, e com os semanários *A classe Operária*, *Para Todos e Problemas*.¹

Foi no ano de 1950 que como correspondente veio ao Rio Grande do Sul pela primeira vez, para acompanhar o movimento operário em Rio Grande. A cobertura desse movimento surtiu em pesquisa e farto material para a produção de seu livro *Linha do Parque*, nas palavras da professora Marli Furtado se explica a variedade de temas que impulsionou o autor: “*essa aparente dicotomia entre o ciclo Extremo Norte, criado dentro do que se poderia chamar de realismo crítico, e o livro de fora desse ciclo, criado sob a possível concepção do realismo socialista*”, faz de Dalcídio um autor instigante. (FURTADO, 2008, p.02)

Quando aparece na história da literatura do país, Dalcídio Jurandir é citado como “*regionalista menor*” tendo sua obra surgida na segunda fase do modernismo, junto com grandes nomes da ficção, que escreviam sobre as regiões afastadas do centro do Brasil como Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, Jorge Amado e outros.

¹ Acesso em 08/2010 www.dalcidiojurandir.com.br

Dalcídio explora na sua obra a região e seus habitantes, dá ênfase ao ser humano, seus medos, angústias, sentimentos e sobrevivência. É uma literatura que vai além da Amazônia tratada nas cartas de Euclides da Cunha². O autor revela outro mundo, das pessoas comuns de uma vila no meio de uma ilha com introspecções e desejos. São emblemas humanos que circundam a narrativa.

Uma obra que reconstitui, nas palavras de Olinda Batista Assmar, de forma documental o passado amazônico do século XX, introduzindo no cenário literário brasileiro uma ficção “*com uma narrativa ainda mais intrigante (...). A técnica da narrativa, com a apropriação da oralidade e do cotidiano, instaurou a modernidade na Amazônia*”. (ASSMAR, 2003, p.13).

Com sua obra, Dalcídio Jurandir adentrou na literatura brasileira colaborando com obra de qualidade, configurando uma ficção de estética unida à realidade social amazônica. Surgiu como um dos grandes representantes da segunda fase do modernismo. É o principal representante na literatura moderna da região norte, antes dele temos Inglês de Souza, representante do realismo amazônico; fora do cânone outros autores pouco são visitados, exemplo Sousândrade, poeta maranhense.³

O ponto do desconhecimento da obra dalcidiana é a má divulgação de seus livros, publicados em pequenas editoras, de pouca circulação, muitas vezes sem pagar devidamente os direitos autorais e ademais há outra questão, que é da posição geográfica da Amazônia e do imaginário acerca de sua população e cenário.

Vianna Moog⁴ em *Uma interpretação para a Literatura Brasileira* cria o termo *arquipélago cultural* para regiões marginais, sendo o Rio de Janeiro o funil crítico⁵ para essas obras. Essa interpretação ajuda a explicar a situação da literatura dalcidiana na geografia literária. Dalcídio passou pela crítica carioca com bom agouro, mas não

² Euclides da Cunha foi um dos primeiros a pisar no território da Amazônia e a falar sobre o desmatamento, as queimadas e da importância desse território que se destacaria do restante do Brasil pela sua biodiversidade.

³ *Antiga divisão geográfica em que o Maranhão pertencia ao norte*

⁴ Vianna Moog no Amazonas escreveu dois livros: *Heróis da decadência Reflexões sobre o humor*, com estudos sobre Petrólio, Cervantes e Machado e *O ciclo do ouro negro*, ensaio de interpretação da realidade amazônica. Voltando a Porto Alegre, dirigiu o vespertino *Folha da Tarde*. Dessa fase breve, resultou *Novas cartas persas*, sátira em torno da situação político-social.

⁵ O fenômeno chama-se **carriocentrismo**. Termo usado por Afrânio Coutinho, mas já referendado em Brito Brocca na vida literária no Brasil. O Rio de Janeiro sempre a ditar moda para o restante do Brasil. O Rio de Janeiro denomina o cânone, a geografia literária.

chegou as graças dos leitores, talvez a intervenção do imaginário coletivo acerca do *arquipélago cultural amazônico* também colabore para esse hiato.

Imaginário criado para negar a representação de um lugar distante, possivelmente exótico⁶, folclórico, que produz muitas fantasias sobre seus habitantes e reproduz uma indiferença a toda a criação literária ou outra criação cultural local. Para Iser, “... o imaginário não pode ser mais isolado como faculdade com existência própria, sem que com isso coincida com a intencionalidade da consciência que visa ao mundo”. (ISER, 1996, p.238). Portanto, o leitor, ao manter-se distante dessa ficção, nega-a, ou ao negá-la a mantém distante.

Outro fator que prejudicou a difusão dos livros de Dalcídio Jurandir foi seu surgimento no momento de grandes nomes como Graciliano Ramos e Clarice Lispector, com maiores poderes de trânsito literário. Reconhecimento crítico da obra dalcidiana há, ganhou em 1972, da Academia Brasileira de Letras, o Prêmio Machado de Assis pelo conjunto da obra; o que não há é a divulgação do autor e de suas obras.

O autor aparece normalmente na história literária, caracterizado como mais um escritor que traz paisagens exóticas do norte, sem muito destaque, apenas focando no regionalismo, como nos trechos a seguir: “*livro e nome, Dalcídio Jurandir, vieram juntos do Pará, trouxeram aquela gente [...] realidade que ele foi encontrando em longas viagens pelo interior*” (Álvaro Moreyra); “*denúncia de uma determinada situação social*” (Herberto Sales); “*regionalismo documentarista*” (Nelson Werneck Sodré); “*literatura regional amazônica*” (Alfredo Bosi e Antônio Coutinho).

Após 1990 outras palavras e estudos já o caracterizam de outra forma, ocorrendo uma nova recepção de sua obra, possivelmente pelo resgate da literatura dalcidiana presente em alguns estudos acadêmicos, trabalhos de mestrado em instituições como UFMG, UERJ, USP.

Também o grande esforço do professor Gunter Pressler do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da UFPA e coordenador do curso de Mestrado em

⁶ **Exotismo:** segundo Victor Segalen (1978, p. 1-2): não significa outra coisa do que a noção do diferente, a percepção do diverso (...) o poder do exotismo nada mais do que o poder de conceber o outro.

Letras da mesma instituição e do grupo de estudos do professor Paulo Nunes/ UNAMA em pesquisar e divulgar a literatura dalcidiana.

A iniciativa de alguns pesquisadores em reeditar a obra de Dalcídio, culminou no I Colóquio Dalcídio Jurandir na Ilha de Marajó, no ano de 2001 em homenagem aos 60 anos de *Chove nos campos de Cachoeira*.

No ano de 2003, foi inaugurado o Instituto Dalcídio Jurandir na Casa Rui Barbosa, com a iniciativa de Ruy Pereira, sobrinho do autor e crítico literário, para onde foi todo o acervo do escritor com mais de 750 livros, inclusive suas correspondências pessoais e manuscritos de seus romances. Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos foram alguns de seus correspondentes.

No ano de 2004 foi reeditado *Belém do Grão-Pará*, único livro reeditado pelo Instituto, incluiu glossário de expressões e topônimos, além de cuidados primorosos na edição com apoio da Casa de Rui Barbosa e editora Universitária – UFPA, o exemplar teve a aprovação dos acadêmicos, pois segundo os pesquisadores da obra dalcidiana foi a primeira edição lançada com os cuidados merecidos.

Em 2008 foi extinto o Instituto, devido divergências dos responsáveis pela preparação das novas publicações com os filhos de Dalcídio Jurandir, seu acervo ainda permanece para consulta, sob os cuidados da Fundação, mas os preparos de edições foram cessados.⁷

As comemorações pelo centenário de seu nascimento no ano de 2009 também contribuíram para propagar e levar a um maior número de pessoas a obra do “*Romancista da Amazônia*”, como assim foi divulgado nas comemorações. Ideia tirada do título do livro de pesquisa sobre a obra do autor marajoara, *Dalcídio Jurandir – Romancista da Amazônia (literatura e memória)* o qual foi publicado em 2006 por Benedito Nunes, Ruy Pereira e Soraia F. R. Pereira pesquisadora da Casa Rui Barbosa.

Os estudos acadêmicos são os que norteiam a disponibilidade da obra, ainda infelizmente, limitada a poucos. Desses trabalhos, alguns apontam a relação da oralidade e da escrita, trazem uma nova discussão acerca da literatura dalcidiana,

⁷ Acesso em agosto de 2010 <http://dialetica.org/debubuia/2008/03/03/panorama-de-dalcidio-jurandir-na-internet-a-literatura-marajoara-no-ciberespaco/>

propondo uma nova interpretação para o uso da linguagem, própria da Amazônia e inserida de maneira universal na narrativa, servindo de base para a estrutura complexa da obra ficcional.

São pontos que mudam a apresentação do escritor nas falas de: *Fausto Cunha* (“*técnica narrativa, narratologia: "rigor de construção [...] um desenho humano de quem tem a consciência de que o instrumento de criação é a linguagem"*); Antônio Olinto: (“*técnica narrativa*”); Benedito Nunes: *Romance moderno: "introdutor da paisagem urbana da Amazônia"*; Alfredo Bosi: (*o mais complexo e moderno*).⁸

Um rápido levantamento feito em algumas bibliotecas universitárias mostra a raridade de se encontrar livros de Dalcídio, como da UFMG que tem 1 exemplar de *Belém do Grão Pará*, 1 exemplar de *Chove nos campos de Cachoeira*, 1 exemplar de *Linha do Parque*, 1 exemplar de *Ponte do Galo*, contudo há inúmeros estudos de pesquisa envolvendo algumas obras do autor. Na UFRJ nada consta na pesquisa online de biblioteca com o nome de Dalcídio Jurandir.

No acervo da UFRGS encontra-se 3 exemplares de *Linha do Parque*, 1 exemplar de *Chove nos campos de Cachoeira*, *Ponte do Galo*, *Chão dos Lobos* e *Passagem dos Inocentes*, 2 de *Três casas e um rio*.

Na biblioteca da UFPA, chão de Dalcídio encontra-se: 6 exemplares de *Chove nos campos de Cachoeira*; 3 exemplares de *Marajó*; 1 exemplar de *Três casas e um rio*, *Linha do Parque*, *Os Habitantes*, *Primeira Manhã*, *Ponte do Galo*; 2 exemplares de *Belém do Grão Pará*, *Passagem dos Inocentes*. Dos romances *Chão dos Lobos* e *Ribanceira* não consta nenhum exemplar para empréstimo.

Pelo site da prefeitura de São Paulo a informação geral de obras do autor em acervos públicos é: 5 exemplares de *Os Habitantes*, 1 exemplar de *Ponte do Galo*, 4 exemplares de *Ribanceira*.

Encontram-se na PUC-RS 4 exemplares de *Linha do Parque*, 5 de *Marajó*, 1 de *Ponte do Galo*. Na PUC-RIO nenhum livro do autor foi encontrado para empréstimo, porém uma tese foi localizada: “*Marinatambalo construindo o mundo amazônico com apenas três casas e um rio: uma análise de um romance de Dalcídio Jurandir*” de

⁸Acesso em agosto de 2010, fonte: <http://www.pucrs.br/fale/pos/historiadaliteratura/gt/gunter.php>.

Enilda Tereza Newman Alves, a qual teve como orientador professor Affonso Romano de Sant'Anna.⁹

Esse é um breve panorama da distribuição da literatura dalcídiana em nossas bibliotecas, carentes da obra do autor. O escritor Dalcídio Jurandir morreu no Rio de Janeiro em 1979, vítima do mal de Parkinson, após lutar sete anos contra a doença.

⁹Acesso em 21/10/2010 <http://www.dbd.puc-rio.br/?words=dalc%EDdio+jurandir&x=56&y=7>

2 CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA: O PRIMEIRO ROMANCE MODERNO DA AMAZÔNIA

O romance foi escrito em período entre guerras, com a primeira versão no ano 1929, e versão definitiva em 1939, fato que por revelação de Dalcídio Jurandir, a obra encontra-se integrada ao “*espírito de época*”, marcada pela impressão e comoção da presença de morte, mais amplo que essa declaração é a base temática que envolve o menino Alfredo na ficção, a qual o autor chamou de “*texto-embrião*”. Momento também em que os prosadores se voltam para os problemas sociais, políticos e econômicos, assim como para o lado espiritual e humano.

O tema amazônico cria o cenário da obra, introduzindo-a na literatura geográfica do país, o estilo moderno da narrativa que se constrói no meio caboclo lembra a opção de Mário de Andrade, ao criar Macunaíma, o herói que nasce na floresta amazônica e dali parte para o sudeste do país. A Amazônia de tantos imaginários serve de fonte para a ficção modernista de Dalcídio Jurandir que mostra o concreto da realidade, do cotidiano, do que é mais próximo às pessoas comuns.

Mário criou a metáfora da origem brasileira, Dalcídio criou a ficção dos homens amazonidas, brasileiros desconhecidos e de *pés no chão*, sem deixar cair “*numa folclorização ou exotização da Amazônia. Dalcídio Jurandir é escritor bom demais para se deixar cair nessa armadilha, o que seria mais fácil, mas também mais pobre e mais empobrecedor.*” (SENNA e PEREIRA, 2004, p. 21).

A narrativa originalmente é dividida em vinte capítulos, todos vêm com um subtítulo e alguns envolvem nomes de personagens femininas, a menina Clara, a prostituta Felícia e a amada de Eutanázio, Irene, isso se deve ao destaque dessas personagens na narrativa.

O escritor recria a Vila de Cachoeira pelo viés da sua percepção literária e poder criador. A obra traz uma mostra da linguagem poética dalcidiana representada pelo domínio das expressões lingüísticas e domínio do espaço. Segundo Maria Célia Nunes Coelho, como maneira de apresentar o local de onde fala Dalcídio o descreve portando conhecimento também da vida de seus moradores, ela diz:

Dalcídio descreveu o modo de vida dos grupos (e subgrupos) de indivíduos que viviam em rios (as populações ribeirinhas) e campos (secos,

alagados ou alagáveis). Nas obras desse autor, as vidas ligadas as águas, aos rios, aos lagos, aos ciclos (sazonalidade) das águas e das secas (campos alagados pelas enchentes no inverno e os campos secos queimados no verão) eram ressaltados. (Revista da Anpege. v. 3. p. 57-86, 2007)

O fio condutor da narrativa se funda em Alfredo e em Eutanázio, ora o narrador foca em um deles, ora em outro. Assim como, narra histórias de personagens secundários, mostrando visões diferentes nas histórias de cada um.

O livro tem como primeiro protagonista Alfredo, menino mestiço filho de mãe negra, neta de escrava, e pai branco, um representa a identidade escrava na formação brasileira, o outro é representante da aristocracia decadente. O menino *feridento* tem como escape da vida marajoara um caroço de tucumã, capaz de levá-lo para outras paisagens, envolvê-lo nos sonhos de outra vida. Alfredo é um menino da Vila Cachoeira do Arari, por seus olhares vidas inteiras passaram e pelas suas percepções de garoto muitas dessas deixaram marcas.

A Vila Cachoeira do Arari localizada na ilha de Marajó, no extremo norte do estado do Pará, região de campos alagados, com moradores na maioria ribeirinhos e pescadores, usada para criação de búfalos, tem como comunicação com o restante do mundo um barco, na obra de Dalcídio chama-se a lancha *Lobato*.

O segundo protagonista é Eutanázio, irmão mais velho de Alfredo, homem de quase 40 anos, que vive na casa do pai e não conseguiu fazer de sua vida a realização de seus sonhos. Ele e seu pai, Major Alberto constantemente se desentendem. Major vive com uma mulher negra, mãe de Alfredo e Mariinha, Dona Amélia.

Essa mulher lembra a Bertoleza de *O Cortiço*. Visualizada pela caracterização naturalista, a personagem feminina passa a ter traços diferentes dos até então apresentados no Romantismo. Dona Amélia, assim como Bertoleza, está numa posição submissa em relação ao seu companheiro; ambas são mulheres negras, assim socialmente determinadas inferiores, porém trabalhadoras e honestas, tais fatores possibilitam-nas “dispor” de um papel de esposa.

Bertoleza, logo cedo já estava de cara alegre, trabalhando, preparando o café e o almoço. Dona Amélia aparece nas percepções do filho Alfredo, uma mulher calma, bondosa, que cuida da casa e de todos ao seu redor. Bertoleza, ainda é mais sofrida, pois

não tem um reconhecimento social de seu lugar ao lado de João Romão, caso diferente de Dona Amélia, que tem perante a sociedade de Cachoeira, sua posição bem determinada, inclusive serve de fuxico entre os moradores, situação que desnuda os preconceitos acerca da união de um homem branco com uma mulher negra.

Nota-se pela passagem em que pela voz do narrador, as filhas do Major expõem sua opinião: “*Era uma pretinha. Se ainda fosse pessoa de qualidade... Mas uma pretinha de pé no chão! Seu pai estava de cabeça virada para uma negra.*” (JURANDIR, 1995, p.78).

Em outra parte do livro Dr. Campos fala na cor de D. Amélia, de maneira maliciosa: “*Major Alberto não gosta de café puro nem de leite simples. E sim, café com leite, com mais café que leite. Fica mais gostoso e eu sei por experiência.*” (JURANDIR, 1995, p.80)

A mãe de Alfredo deseja mandar o filho estudar em Belém, quer para o filho um futuro melhor, mas espera pelas ordens do Major Alberto, promete ao filho resolver o problema, porém não toma uma atitude. Está inferiorizada em relação ao companheiro, depende da autorização do Major para realizar os sonhos do filho. Mais que uma hierarquia entre marido e mulher, é social, pois ele é socialmente reconhecido, possui cargo público, ela era seringueira, é socialmente inferiorizada.

Dona Amélia é a representação do corpo feminino subalterno¹⁰ e excluído, lembrando o dualismo macho/fêmea, mente/corpo, vinculando o corpo ao feminino e a mente ao masculino, limitando a ação de D. Amélia. Seu campo de atuação se restringe ao âmbito familiar e aos mais necessitados, logo os que estão imediatamente abaixo de sua posição, lugar esse justificado pela relação matrimonial com o Major. Mas sua condição não altera suas resoluções, seu campo de atuação está restrito, o que apenas justifica as desigualdades nesse ponto englobando a esfera social.

Major Alberto é um observador da vila de Cachoeira, é uma autoridade do lugar, secretário de Intendência e adjunto do promotor público. Acumula dois cargos públicos, por isso é tomado por desconfianças. Vive no chalé bem protegido das nuances da natureza, tem boa vida comparada à vida dos ribeirinhos, mas sonha deitado na rede

¹⁰ O termo classes subalternas é de Antônio Gramsci.

com um futuro melhor, faz projetos para si e o povoado, porém não os coloca em prática.

Teve no passado um casamento e ficou viúvo, restaram-lhe três filhas e o filho Eutanázio, a caçula ficou cega, ambas vivem na vila de Mauá. De lá, que o Major trouxe dona Amélia, convidou-a para viver com ele, sua escolha se deu pelo capricho da mulher e força para trabalhar. Ela o aceitou, pois desejava um futuro melhor, com um homem bom. Virtualmente parece um contrato de trabalho, não fosse a concretização familiar através dos filhos, Alfredo e Mariinha e outro menino que morreu afogado.

Alfredo, quando bem pequeno, ficava sob os cuidados de Nhá Lucíola, moça solteira que se apegou ao menino, sonhando que um dia ele a reconhecesse e a amasse mais que a própria mãe. No núcleo de Nhá Lucíola, há a história de sua mãe (falecida) Siá Rosália, seus irmãos Didico, Ezequias e Rodolfo, sua irmã Dadá.

Nas lembranças de Alfredo, Siá Rosália conta histórias da cidade de Belém, do Teatro, dos bondes, das festas de Nossa Senhora de Nazaré. A mãe de Lucíola tem muitas histórias, mas o povo da Vila quer mesmo que explicasse como conseguiu pensão, sendo que todo mês embarca no *Lobato*, para receber em Belém o montepio, muito comentado, pois o homem que a beneficiou não era seu marido, só o foi pouco antes de morrer. Os comentários são muitos em torno de Siá Rosália, e a inveja também principalmente por parte de D. Dejanira. Essa que vive a se lamentar da falta de dinheiro e lembrar-se da época que teve fartura.

O casal João e Ângela, importante num desfecho de correspondências tendo, como intermediador, Eutanázio. João é um vaqueiro que ganhou apoio de Dona Amélia, quando ninguém mais o queria por perto, pois o tinham como ladrão. Ângela e João iniciavam um namoro proibido, pois a moça tinha medo da reação do pai. João dizia-se regenerado depois da chance que Dona Amélia lhe deu e que queria ter uma vida decente com Ângela. Eutanázio invejou esse amor, ao escrever as cartas desejava colocar nelas todo o seu sentimento por Irene.

Um núcleo que no romance perpassa com muita minúcia é o da casa de Seu Cristovão e de d. Dejanira, onde moram Rosália e Irene (gêmeas) filhas de D. Tomázia (comadre de Eutanázio), Duduca, também, Henriqueta, Cristino, Raquel e Bitá. Ainda,

sem ser propriamente um núcleo, há destaque para a prostituta Felícia, o juiz substituto Dr. Campos e o pescador Dionísio.

Em Belém, nas lembranças de Alfredo, mãe Ciana, Gualdina, Ulisses e Sevico. Ainda, Clara, amiga de Alfredo, passa pela narrativa numa das partes mais poéticas do livro. Alguns personagens compõem a obra, com um papel bem definido que marca sua função na história, e depois desaparecem.

A narrativa se inicia com o cenário dos campos de Cachoeira incendiados, como de costume para abrir clareira devido à criação de búfalos. Com esse início aparece o menino Alfredo e a primeira manifestação sobre seu carocinho de tucumã. Já está situado em seu ambiente, em seus pensamentos de menino que observa o mundo ao seu redor. Aos poucos se insere o núcleo familiar do menino e logo passa para o segundo protagonista, Eutanázio e sua forte ligação com a família de Seu Cristovão. Eutanázio ainda se liga superficialmente ao Dr. Campos e mais intimamente à Felícia.

Alfredo se liga ao núcleo de Lucíola, mais por lembranças; à escola e ao núcleo do mestre e família; e aos pensamentos que o levam à Clara, sua amiga. As viagens à Belém são muito fortes na memória do menino, que sonha em conhecer a cidade descrita por Siá Rosália.

Várias histórias perpassam a narrativa, envolvidas pela paisagem marajoara, questões pessoais, íntimas, sociais e políticas do lugar. Assuntos de família e de foro público.

É a narrativa das pessoas que vivem e sobrevivem em Cachoeira com suas expectativas, medos, sonhos, decepções, raivas. *Chove* traz as narrativas regionais, ligadas ao intimismo das personagens que ancoram o rumo da narração.

A narrativa se pauta ora em torno de Alfredo e ora em torno de Eutanázio, pelos olhos de ambos, pode-se testemunhar as discussões familiares, os tratamentos entre irmãos, filhos. A dinâmica de uma casa em constantes burburinhos, como a casa de seu Cristovão. Relações desgastadas pela pobreza, pelas dificuldades de diálogos e acordos, um espaço pequeno para tantas vidas em desalinho. Ou o cotidiano da casa de D. Amélia, suas vivências, suas conversas com o Major, a posição deste em relação à vida social e econômica da região, e ainda seus momentos filosóficos.

Ainda, o apoio de D. Amélia às crianças pobres da localidade com alimentos e remédios naturais, o discernimento com que cuida da casa e dos filhos.

São muitos motivos sociais que a narrativa trata. A obra paira numa visão geral sobre o povo de Cachoeira, aos poucos pela passagem dos protagonistas, essa visão vai se estreitando, focando cada núcleo. O contexto narrativo traz muitas questões da formação nacional, sua identidade e história.

A obra também trata das questões políticas locais e jurídicas, na personagem de Dr. Campos, juiz substituto, figura de forma crítica, o exemplo do homem representante da justiça, que fala de religião, escreve colunas para um jornal da capital chamado *A Verdade*, nome bem sugestivo, pois ele vive em pecado e comete violência física e psicológica contra Felícia. Assim é a cena em que ele se dirige à Felícia: “- *Pois lhe mandei chamar para isso, sua podre! Você além de morar naquele casebre porco, fedorento, onde se vende a cinco tostões, dez(...)* Sim, porque essa desgraça de Código Penal não previu o delito venéreo. Ia, ia, tu ias para a cadeia.” (JURANDIR, 1995, p. 211)

Felícia é prostituta, personagem decadente, que sofre nas mãos de homens como Dr. Campos e Dionísio, outro personagem que tem um papel significativo no enredo, pois ele é o amigo de farras do juiz substituto, homem simples e sem instrução, que vive principalmente da pesca, está sempre bebendo, intelectualmente o oposto de Dr. Campos, mas ambos passam noitadas juntos, bebendo e importunando Felícia.

Dr. Campos explicita seu caráter em: “*Mas a propósito o diretor de A Verdade, padre José, mandou me pedir um artigo sobre o teatro e a igreja. Ando com a cabeça pesada. É preciso escrever as coisas pias em presença da cerveja, da Felícia. Só em presença do Vício é que se pode escrever sobre a Virtude!*” (JURANDIR, 1998, edição crítica, p. 223).

As histórias de Cachoeira ainda passam pelas doenças que tomam a população como a sífilis. Esse é um fato que direciona a possibilidade de datar o romance, pois é um mal disseminado no fim do século XIX em todo território nacional; muitos tinham a ideia da doença estar ligada ao clima tropical e ao misticismo de conotações morais, como a loucura, a perversão sexual, o crime e a imoralidade. Nessa época pelos estudos

sobre a doença passa-se a ver o sexo como o mecanismo de contágio ligado a ideia da promiscuidade brasileira.

A sífilis é um item bastante significativo na obra, pois é a doença que leva Eutanázio à morte, além disso, aparece como problema de saúde pública, como doença relacionada à prostituição e causa de pânico em personagens como Ezequias (dono do armazém e ex-noivo de Bitá) que se amedrontava ao pensar: “*A sífilis, a sífilis! Ia procurar seu Ribeirão para comprar alguma novidade farmacêutica contra o flagelo da humanidade.*”, acaba então por suicidar-se, mas porque estava leproso.

Ezequias é uma das personagens que cumpre um papel na história e desaparece, ele representa o medo da humanidade pela doença que se dissemina de forma rápida, mas ele esquece de que outros males acometem essa mesma humanidade.

Essa observação é percebida na personagem de Eutanázio, que toma outros males como a miséria ou as tristezas do coração, pois são perturbações presentes em Eutanázio, que quando passa por Ezequias, pensa: “*Ezequias, afinal, não tinha uma casa de seu Cristovão, pensou Eutanázio. Se tivesse não vivia preocupado com a sífilis, não se deixava dominar pelo Ribeirão.*” (JURANDIR, 1995, p. 216)

A gripe espanhola é outro fator possível de datar na obra, pois acometeu a população brasileira no começo do século XX, matando muitas pessoas. Na obra são narradas passagens em que pessoas são enterradas em valas, devido ao grande número de mortos: “*Os defuntos pobres iam mesmo nas redes velhas, nas esteiras. As covas já não eram de sete palmos. Enterravam dois, três, numa cova.*” (JURANDIR, 1995, p. 102)

As discussões de cunho familiar são as mais pautadas na narrativa, parece que aproxima o leitor de uma situação para fazê-lo espiar o que foi dito e como foi dito, afunilando a narrativa. Por exemplos, a ingrata situação em que Felícia se encontra e as desilusões amorosas de Bitá e, ainda os desencantos e rabugice de Nhá Lucíola. Todas essas questões envolvendo personagens femininas.

A concepção de Felícia, com nome que lembra felicidade, descrita como quase uma menina, mas que transparece tristeza e infelicidade, uma personalidade formada por angústias e maus tratos da vida e dos homens. Uma menina com uma história

decadente, marginalizada pelos seus próprios usurpadores. Como na passagem em que Dionísio conta ao Dr. Campos como espancou Felícia: “*Ela não me quis. (...)Então me deu uma raiva. Dei dois pontapés na barriga. Ela deu um grito...*” (JURANDIR, 1995, p.75)

Em contraste com Felícia toma-se Bitá, uma menina de família, tenta arrumar um marido, mas que cai na conversa de seus pretendentes e acaba sozinha e mal falada por esses. Cria no ambiente familiar situação desagradável, pois se sustenta a ideia de limpar o nome da moça e isso surge como obrigação ao irmão Cristino.

Em uma passagem Bitá sai sem rumo pelas ruas de Cachoeira em sofrimento por mais um fim de noivado, ao cruzar pelo casebre de Felícia sente inveja da vida dessa, sem imaginar que ali sofre uma menina sem defesa, cuja vida se degrada. Este é o momento em que se cruzam as duas histórias:

Bitá passa pela barraca de Felícia. Pensa então que Felícia é mais feliz do que ela. Não mede a sua desgraça. Não sabe bem o que é ser a eterna noiva. A lamparina chupa a última gota de querosene no quarto de Felícia. (...) Mas Bitá passando, invejando a tranquila mísera, a conformada desgraça de Felícia. (JURANDIR, 1995, p.169)

Em outra figura feminina da obra temos Lucíola, solteirona, sem ilusões amorosas, prende-se de forma única ao desejo de ter Alfredo como um filho, dedicando-se a ele, não de forma incondicional, mas com esperanças que este lhe seja grato. Traz no seu perfil alguma maldade, pois arquiteta envenenar Dona Amélia por inveja do amor de Alfredo pela mãe e pela raiva de não ser tão amada por Alfredo como almejava.

Sua configuração de personagem se molda na disputa silenciosa com Dona Amélia pelo carinho fraterno de Alfredo: “*Lucíola deixava a sociedade, o namoro, a modinha, a arrumação da casa, para se entregar, se dar inteira ao menino.*” (JURANDIR, 1995, p. 105)

Ao longo do enredo sempre se expõe a expectativa de Alfredo ir para Belém e seus sonhos embalados pelo caroço de tucumã. Também o desenrolar da doença de Eutanázio, que não se preocupa consigo mesmo e até o final da vida pensa em Irene, num martírio de dor e amor.

A obra apresenta as personagens caracterizando-as por suas profissões, como numa distribuição hierárquica da sociedade, parece opor as classes ao mesmo tempo em que as coloca em contato. Como o juiz substituto, pescador, a costureira, o boticário, o secretário de intendência, o oficial de justiça, o coveiro, o mestre, o comerciante, a seringueira, a prostituta.

Há muito na narrativa de dualismo, além do já citado caso de Major e Dona Amélia, também na personalidade das personagens ou caráter, caso de Dr. Campos e Lucíola, nos próprios protagonistas Alfredo e Eutanázio.

Na página anexada encontra-se um esboço dos núcleos mais destacados que compõem a obra *Chove nos campos de Cachoeira*, numa tentativa de explicitar as relações que envolvem as famílias, seus membros com outros da sociedade.

3 O NARRADOR DALCIDIANO

Classificado como uma obra do Romance de 30 *Chove nos campos de Cachoeira*, nos apresenta o narrador em 3ª pessoa, onisciente, com discurso indireto livre. A localização não urbana do enredo e o uso da oralidade são outras características da obra que marcam como um romance modernista da 2ª fase.

A escolha por temas da vida cotidiana, respeito à fala corriqueira das personagens, a despreocupação com a formação sintática, são marcas textuais de um romancista preocupado com o estilo moderno.

O aspecto linguístico pode ser apurado à apresentação de um texto clássico como de Machado da Assis em que desvela as características de Capitu, sem interpretá-la, com escolha cuidadosa das palavras tornando enigmática sua personalidade. Cria o autor para Capitu, olhos “*de cigana oblíqua e dissimulada*” e “*olhos de ressaca*”. Em *Chove nos campos de Cachoeira*, Dalcídio deixa aparecer a forma linguística como opção de estilo literário, naturalizando os termos sem usar de apuros artísticos. Na descrição do narrador:

Quando ela ria, a boca, um pouco grande, não se abria, mas arreganhava, era o termo de Eutanázio, e apesar de ser uma criatura moça e bonita era uma máscara odiosa. Um riso que o cortava todo, caía nos nervos como vidro moído.(...) E se Irene soubesse que ele agora está com “aquilo”, então a antipatia dela aumentava, o nojo maior. Ela exclamaria seu habitual Axi! e cuspiria para o lado. Só vivia cuspendo. Seus olhos ocultavam sombras ruins, perversidades latentes. Os seios tinham um certo impudor, agrediam. (JURANDIR, 1995, p.28)

Em *Chove* temos a convenção literária, a característica da verossimilhança. O narrador envolve seu leitor nas idas e vindas do enredo. Podemos sentir essa ficção como algo que realmente aconteceu, como assim afirma Umberto Eco: “*A obra de ficção nos encerra nas fronteiras de seu mundo e, de uma forma ou de outra, nos faz levá-la a sério*” (ECO, 1994. p. 84).

A convenção é introduzida pela ação das personagens que se destacam no enredo, justamente a verossimilhança se pauta pela personagem que está imersa nessa ação. Ou nas palavras de Antonio Candido “*da importância de apreender esteticamente a totalidade e plenitude de uma obra de arte ficcional, quem não for capaz de sentir vivamente todas as nuances dos valores não estéticos – religiosos, morais, político-sociais...*”, ao se referir ao papel da personagem na obra de ficção.

As personagens de *Chove* são fortemente estruturadas no enredo, descritas pelo narrador e esse ao se referir a alguma personagem, essa vem apresentada por uma de suas características, ou acrescentadas na sua forma física, estado emocional ou psicológico. Algumas vezes a personagem vem marcada pela sua profissão.

Ao analisar o narrador parte-se da estrutura da obra, cuja linearidade não se compromete, apesar das idas e vindas da memória, das quebras de narrativa do momento presente aos devaneios das personagens, e retorno desses ao presente novamente. Pois o uso da 3ª pessoa possibilita o discernimento panorâmico do enredo, principalmente quando esse narrador destaca a voz da personagem numa passada de verbo ou uso de adjetivos. Como na passagem seguinte:

Eutanázio sentiu Raquel olhando-o obliquamente. Raquel queria ver em Eutanázio um novo Chico Barraca, **perguntava** ele. Por que seu Eutanázio não deixava Irene em paz e não procurava uma criatura de acordo com o seu gênio, mais ajuizada?, **refletia** Raquel. (JURANDIR, 1995, p.130)

O narrador se afasta para que a própria personagem possa contar sua história, para que isso aconteça o personagem se desloca no tempo, um tempo psicológico, fator que aumenta a fragmentação narrativa e os deslocamentos, uma estratégia recorrente em romances modernos, nas palavras de Anatol Rosenfeld: “*à eliminação do espaço, ou da ilusão do espaço, parece corresponder no romance a da sucessão temporal. A cronologia, a continuidade temporal foram abaladas, “os relógios foram destruídos”.* (ROSENFELD, 1996, p.80)

Assim ocorre nas obras de ficção moderna e com *Chove nos campos de Cachoeira* que aparece num discurso fragmentado. Há na obra dalcidiana uma descontinuidade narrativa, uma desestruturação de acordo com os fragmentos que as personagens colocam ao longo da obra. Faz com que a voz narrativa se deixe contaminar pelas personagens, além de Alfredo e Eutanázio, é também o caso do Major Alberto que vive entre os sonhos dos catálogos e a realidade mísera das gentes de Cachoeira.

Homem cumpridor de seu dever, sério, correto, transforma-se em um homem de pensamento crítico. Revela-se até o ponto de aparecer seus defeitos, descuidado com Eutanázio e insensível ao amor paterno que deveria dar ao filho. Mas amargura em segredo a saudade e o amor pela filha Marialva: “*...a ceguinha longe em Muaná o consome, enche o seu pensamento nas horas em que deixa os catálogos e fica na rede, de olhos vigilantes no escuro.*” (JURANDIR, 1995, p. 68)

Por meio do narrador descortina-se uma personalidade contraditória. O narrador quer mostrar a parte psicológica do personagem, para tanto ele desvela de modo a não se comprometer, apenas narra as atitudes e pensamentos, mas na aparente imparcialidade deixa provocar a interpretação inevitável dessa personagem.

Major Alberto tem uma personalidade que pode ser comparada à duplicidade da alma, para uma melhor aproximação cito Jacobina protagonista de *O Espelho*: “*cada criatura humana possui duas almas, uma que olha de dentro para fora e outra que olha de fora para dentro*”, que assim poderia definir a contradição marcada nessa obra, também pelas personagens Eutanázio e Alfredo. Uma contradição traz ao Major uma valoração da introspecção dentro do enredo, comprovando a importância deste dentro da história.

. Para pensar o narrador dessa estrutura literária de *Chove nos campos de Cachoeira*, também partimos de Theodor Adorno, pois essa estratégia literária faz com que a narrativa não dificulte o interesse pela continuidade da leitura do romance.

Justifica-se pelas palavras de Adorno em: “*A narrativa que se apresentasse como se o narrador fosse capaz de dominar esse tipo de experiência seria recebida, justamente, com impaciência e ceticismo*”. (ADORNO, 1991, p. 56). Porém, a narrativa fragmentada cria uma atmosfera de suspense na continuidade de acontecimentos deslocando a atenção de um protagonista a outro, de um núcleo ao outro.

A escolha narrativa e a presença do narrador, a forma como conta e se apodera das histórias, de como deixa as personagens se revelarem aos poucos, muitas pelos “olhos” dos protagonistas, contribuem para laçar o leitor até o fim, “*Pois contar algo significa ter algo especial a dizer...*” (ADORNO, *ibid.* p. 56). As divagações de Alfredo por meio de carço de tucumã e as digressões de Eutanázio por conta de seus conflitos pessoais encaixam na estrutura e na opção narrativa de maneira a contar muitas histórias além de suas próprias.

O narrador traça perfis quase sempre entre grupos diferentes, pobres e ricos, ou quando há dicotomias entre o mesmo grupo, as divergências são ideológicas, caso de Major Alberto, que idealiza o campo como um lugar sem maquinarias, optando por uma posição retrograda, contrastando com o Dr. Campos que critica a honestidade do Major, discursando em favor da burguesia e da corrupção. Nesse ponto há divergências na função social de cada um e de como são mostrados pelo narrador. A personagem com sonhos de idealização simples parece se superar moralmente frente ao mais sofisticado intelectualmente, uma maneira que o narrador tem de traçar o perfil de cada um.

No encaixe de como o narrador dalcidiano se apresenta, podemos aproximá-lo com o narrador de Walter Benjamin, o camponês sedentário, pois este traz à narrativa as particularidades do lugar e das pessoas como um bom conhecedor, como quem domina aquilo que explicita.

O narrador de *Chove* é detalhista nas descrições, nas escolhas de termos determinadas pelo uso, na escolha do léxico próprio da região amazônica e na preferência por uma sintaxe mais popular. Esse é um narrador que sabe do lugar de onde fala. Ele usa da oralidade das personagens para fazer as descrições, o que deixa de ser uma descrição para se tornar uma narrativa.

É um narrador que apresenta a natureza do lugar, a flora a fauna, o clima, seus habitantes, costumes, tradições. Traz para a ficção um cenário natural, o narrador apresenta as chuvas características da Amazônia, os morurés, os jacarés, as frutas próprias daquela região, criando o limiar entre a realidade e o ficcional. Sobre a cultura local cita as festas populares, como a “festa do boi”, os versos do boi Caprichoso, do folclore traz a Matinta Pereira, na oralidade local chamada de “matintaperera.”. Na obra a “matintaperera” ganha destaque na suposição de algumas pessoas terem visto D. Dejanira transformada na horrível criatura.¹¹

Apresenta as festas cristãs, como o Círio de Nazaré e as festividades de São João, a poesia popular e as músicas. Sempre de forma sutil entre uma personagem e outra, aparece também com a visão do narrador sobre a região as ervas de cheiro, a comida típica como o peixe-frito e a farinha d’água.

O que o narrador faz é apresentar as particularidades da Amazônia por meio do espaço regional, linguagem e peculiaridades do meio social. Como temática das complexidades existências, o narrador desloca os problemas universais, transcendendo o regional.

¹¹ *De acordo com o folclore amazônico, a Matinta Perêra é uma velha vestida de preto, com os cabelos caídos no rosto. Tem hábitos noturnos, preferindo as noites sem luar. Quando sente a presença de alguma pessoa, ela solta um assobio estridente, dando a impressão de estar gritando o seu próprio nome: Matinta Perêra. O seu aparecimento causa verdadeiro pavor às pessoas. A criatura pode surgir de diversas formas, transformando-se quase sempre em coruja, apesar de aparecer também na forma de outros animais.

4 ALFREDO, O PRIMEIRO PROTAGONISTA

O protagonista Alfredo é um menino que vive em estado limiar de identidade. Filho do Major Alberto, branco e secretário da Intendência e da negra Dona Amélia. Vivia deslocado da vida de Cachoeira. “*Achava esquisito que seu pai fosse branco e sua mãe fosse preta*” (JURANDIR, 1995, p. 121), porém era desagradável ser chamado de “branco” por Henrique, menino “roto”, que considerava normal: “*tão natural que Alfredo parecesse branco. Não morava num chalé de madeira, assoalhado e alto? Era filho de Major Alberto, tinha sapatos.*” (JURANDIR, 1995, p. 121). O menino cria indagações principalmente sobre sua mãe: “*O menino insistia nas suas indagações: que faltava para que sua mãe fosse uma senhora? Ir aos bailes? Assinar o nome do Major? A cor? Este era o argumento mais decisivo*”. (JURANDIR, *ibid*, p.92)

Alfredo percebe tudo com um misto de ingenuidade e complexidade, com indagações às vezes emocionais, às vezes intelectuais a despeito da Vila de Cachoeira e a cidade de Belém, entre ricos e pobres, entre pretos e brancos, casados e solteiros, velhos e crianças. Pelo olhar infantil se aflora todas as representações daquela sociedade rural.

Na sua fuga mágica Alfredo cria mundos imaginários para sua solidão de menino, que cresce só, com uma esperança de partir, de fugir do que seu olhar alcança, da vila decadente com crianças pobres e velhos doentes, em contraste com uma cidade cheia de cores, de bonde, praças e pessoas bonitas. Uma Belém que lhe espera com uma ótima Escola. O sonho maior de Alfredo é ir para o colégio.

O menino protagonista se desencanta com as meninas, sente que elas sempre crescem antes dele, sonha com namoros, lembra de quando Irene ainda brincava com ele, mas ela cresceu. Entre suas amigas, ele lembra detalhadamente de Clara, em um dos capítulos mais poéticos da obra “*Clara, as frutas e o mistério de Clara*”, com destaque para o trecho a seguir:

Aquele corpo dominou todo o quarto, encheu o chalé, era toda a natureza. As pernas nuas tinham a cor da água que Alfredo gostava de ver no inverno, ao meio-dia, da janela de seu chalé. Clara depois levava ele para jantar murici nos campos, em novembro, descalça, com aquele seu chapéu de

pano. Voltava corada, úmida de suor, com jeito muito seu de morder ou sugar os próprios lábios. Quando ria seu próprio corpo parecia rir, se agitar de uma poderosa energia. Era a alegria que Alfredo desejava. (JURANDIR, 1995, p. 172)

Alfredo não está descobrindo a sexualidade, como o narrador mesmo afirma, na passagem anterior, ele descobre é a sensualidade e a beleza da menina. Clara está envolvida em muitos mistérios, por isso um capítulo para se narrar sua trajetória na vida de Alfredo. Para ele, o contato com ela, foi um rito de passagem. O mistério de seu sumiço entende-se como a morte por afogamento, faz Dona Amélia não repetir e Alfredo não perguntar, pois ele guarda a esperança de revê-la. Usa o carocinho de tucumã para trazê-la aos passeios. Mas esse não é o único mistério, fica na memória do menino, o mistério da presença de Clara e de sua maneira de viver e ser diferente das outras moças.

Aproximando Eutanázio e Alfredo, percebemos uma relação distanciada pela sondagem existencial de cada um. Mas em pequenas passagens Alfredo pede ao irmão que lhe conte histórias, ou Alfredo aparece preocupado com a situação de Eutanázio, comprovando uma relação de afeto entre eles.

Os irmãos tomam caminhos diferentes, Alfredo sonha com um futuro melhor, longe de Cachoeira, caracterizando-se individualista. Eutanázio, preocupado com os problemas alheios, aproxima-se do coletivo. Ambos se afastam na narrativa, porém suas histórias se tocam e se cruzam em alguns momentos no chalé. Mas tomam tempos diferentes, para Eutanázio o tempo é mais psicológico, passa com mais lentidão. Para Alfredo o tempo é mais marcado pelas nuances das estações, ele está mais preocupado com a passagem do tempo, pois quer partir logo para Belém.

Para Olinda Assmar os dois protagonistas são antagônicos, em suas palavras: “*A dualidade conceptual do universo dos personagens leva-os a caminhos opostos: Alfredo caminha em direção à vida, Eutanázio, à morte. Ademais os interesses também são diferentes, seja pela diferença de idade, seja pelo lado poético de cada um. Enquanto o primeiro faz da vida uma poesia, o segundo, uma apologia a morte.*” (ASSMAR, 2003, p.146)

Alfredo faz de seu mundo um lugar de contos de fadas, despreocupado com o resto do mundo. Típico de um menino, o que interessa são seus desejos, as outras pessoas não têm importância, para fugir de qualquer situação desagradável ele recorre ao caroço de tucumã, seu objeto mágico, sua varinha de condão. Como no trecho: “*Nessa mesma*

manhã vira o pai de Tales de Mileto comprar três quilos de carne e ele com o seu quilinho... Vamos, carocinho, leva quatro quilos de carne para o chalé! O carocinho tinha o dom do maravilhoso.” (JURANDIR, 1998, edição crítica, p. 371)

O caroço de tucumã tem origem na credence popular de que teria poderes mágicos, portanto levado para dentro da ficção por intermédio do folclore regional, o carocinho conduzirá o menino por toda a narrativa. Para Rosa de Assis:

É como se a existência de um dependesse da presença do outro. Nas mãos de Alfredo, o caroço resolvia tudo; apenas em raras situações parece ficar impotente para resolvê-las, mas nem por isso é afastado, abandonado por seu dono. Alfredo não seria ninguém sem o caroço, ou por outra, só seria alguém com o caroço. Para tudo, virtualmente, o caroço (carocinho, bolinha) era a salvação, ou a solução, e, se chegarmos ao extremo, era até o impossível. Fazia de conta tudo o que pudesse fazer de conta. Na verdade, o faz-de-conta, no sentido poético do termo, é que era o verdadeiro mundo do menino Alfredo, um mundo de sonhos e fantasias, vivido na magia do caroço de tucumã.¹²

Por meio de seu mundo imaginário ele pode criar muitas perguntas, que vão de sua vida familiar ao âmbito político, ao sonhar que o Brasil teria um presidente que resolveria qualquer problema.

Outro personagem que procura fuga da realidade é o pai de Alfredo, por meio dos catálogos, forjando um mundo de fantasias. Diferente de Eutanázio, que permanece no real do cotidiano e das misérias.

Embora, o carocinho leve Alfredo não só para fantasias bonitas de “faz-de-conta”, muitas vezes ele sonha que a mãe é branca. Para logo depois se arrepender, se envergonhar, mostrando insatisfação do menino diante de um dilema que não pode ser resolvido, pois a mãe é negra e o pai é branco, e a condição de inferioridade já foi determinada.

A visão do preconceito é vinculada aos pensamentos de Alfredo, pois além da questão da sua própria identidade, que lhe causa desconforto e insatisfação, pois caracteriza a inferioridade social, há também a visão própria do menino que se comporta como se fosse melhor que os meninos que vem a sua porta pedir remédios ou alimentos. O menino traça um perfil preconceituoso perante a população ribeirinha, perante a

¹² Artigo publicado na Revista Assas da Palavra, v.8, nº17, Belém, Unama, 2004.

escola e ao mestre, e ao menino Tales de quem tem ciúme e do qual tem certeza que é mais inteligente.

Não só de individualidades vive Alfredo, outras reflexões perpassam os pensamentos de Alfredo como a solidariedade, o medo, a solidão, o amor pela sua mãe, como no trecho a seguir:

Eram pretas as mãos que sararam as feridas, pretos os seios, e aquele sinal pretinho que sua mãe tinha no pescoço lhe dava um vagaroso desejo de acariciar, beijando-lhe também o cabelo, se esquecer do caroço, do colégio, das feridas, da febre, dos campos queimados avançando para a vila dentro da noite no galope do vento. (JURANDIR, 1995, p. 20)

A relação de Alfredo com o rio apresenta um ponto importante. O rio traz ao menino um fascínio, pois é o que mantém a distância do povoado com a cidade, ao mesmo tempo é pelo rio que se comunica com o resto do mundo: “*Os campos de Cachoeira vinham de longe olhar as casas da vila à beira do rio, com desejo de partir com aquelas águas.*” Alfredo deseja partir e superar o caminho das águas até o asfalto da cidade.

Porém, ele é só uma criança e espera que sua mãe consiga realizar seu sonho. Enquanto isso já no final da narrativa, Alfredo deixa cair seu tucumã, encolhe-se com medo do Major, aguarda que esse levante da rede para que ele possa retomar seus sonhos com o vai e vem do caroço na mão, simbolicamente espera, assim como espera que o pai resolva mandá-lo estudar em Belém.

5 EUTANÁSIO, O SEGUNDO PROTAGONISTA

O segundo protagonista do romance, é uma personagem marcada pela melancolia. Ele próprio se autodenomina “hipocondríaco” e com essa palavra anda as voltas em boa parte de seus momentos introspectivos. Homem de quase 40 anos, lamenta ter passado a vida sem notar que a vida passava, questiona-se do rumo que tomou sua vida:

Mas o seu passado? Por exemplo, o que fez aos vinte anos? Tudo enfim entulhado naquele vagaroso e inevitável desabamento. Queria identificar alguma coisa de sua vida no passado. Não pode destacar nada tudo é irreconhecível. (JURANDIR, 1995, p.30)

Lamenta-se da pobreza alheia, da miséria suportada por muitos. Significativo é ele pensar em um livro que teve vontade de ler, chamado “*Dores do mundo*”, não lembra o autor, mas o título é que causa impressão, pois externa o que lhe vem a alma, o pessimismo diante da vida.

O nome Eutanázio já é um alerta do que tem na forma dessa personagem, que caminha ao aniquilamento. Por toda a sua trajetória na obra a questão do sofrimento humano o acompanhará, desde o início quando abordado por um bêbado numa rua qualquer da vila. As palavras como náusea, angústia, tédio e solidão acompanham a caminhada de Eutanázio. Além dos cenários marcados pelos campos, a chuva, a noite, o vento.

Uma caminhada que metaforicamente leva Eutanázio para o “subterrâneo” do autoconhecimento, um movimento muitas vezes feito como uma predestinação, que faz dessa caminhada uma descida interior. Essa personagem nutre um amor impossível por Irene. Por esse amor ele se degrada e se martiriza, busca o aniquilamento de sua vida. Como o seu próprio nome sombrio configura a ideia de querer a própria morte.

A descida na ficção para José Alonso Tórres Freire em seu trabalho “*Variações em torno do mesmo tema: a descida*” apresenta como exemplo a travessia de Gustav von Aschenbach, protagonista de *Morte em Veneza*, de Thomas Mann, como uma descida pela busca impossível da beleza e perfeição, conduzido por um gondoleiro na bela Veneza, em cena que insinua a ida ao Inferno. Contraste com a descida de Eutanázio que anda pelas ruas de Cachoeira, em declínio físico e psicológico que anuncia um trágico fim, segundo Freire:

no romance *Chove nos campos de Cachoeira*, em que o obcecado Eutanázio, cumprindo aí o papel de herói problemático, percorre constantemente os caminhos encharcados em busca de sentidos para uma vida aparentemente inútil, ou à procura de valores autênticos – no caso, seu amor degradado e vão por Irene.¹³

Outro fato que leva Eutanázio a marcar representação de descida na obra é acompanhado dos horários sinistros. Ele se coloca a atravessar a vila de Cachoeira em direção a casa de Irene à noite, acompanhado de seus transtornos, angústias, doença e obsessão pela moça. Na sua travessia física ele diariamente caminha por meia-hora ou pelas ruas ou como ainda prefere pelos campos até seu destino, mas sua travessia interna não controla o tempo, pois vai da infância infeliz até seus dias próximos e infelizes. São sempre todo o dia: “*As grandes marchas noturnas. As mesmas marchas solitárias.*”

O irmão de Alfredo é uma personagem controversa, como Alfredo e Major Alberto, pois sofre por alguns, mas não sofre por si, trata a todos com educação, mas em casa é rabugento e teimoso.

É uma personagem criada para causar diferentes impressões dentro do enredo, causar desconfiças de uns, como de D. Gemi que pela atitude de Eutanázio, acredita que ele possa ser um criminoso, ou o respeito de outros, como Dr. Campos que o elogia pelo fato de saber fazer versos.

Filho do Major Alberto, tem três irmãs que moram longe, as quais ele se recorda em digressões, na infância perdeu a mãe, mas não foi motivo para chorar, pois se sentia como um excremento que nasceu de uma dor de barriga. Na escola agia com cautela para não ser punido, tendo no seu íntimo muita raiva, era cauteloso para não deixar transparecer o ódio. Desde a infância é casmurro; a descrição que o narrador faz de sua infância é minuciosa, o que cria uma atmosfera de compadecimento à personalidade da personagem.

Tinha ambição de ser poeta, porém a falta de talento não o permitiu. Escreveu alguns versos no jornalzinho do pai na vila de Cachoeira e em época de festa escreve letra de música para as toadas, o que lhe garante um pouco de consolo, mas longe de ser o que desejava.

¹³ Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/poslit>

Eutanázio é o escritor “oficial” de cartas da vila, ironicamente é interpelado a fazer cartas de amor. Situação essa, que o levou a ter inveja do casal Ângela e João. E Ele pensa que justamente a inveja, sentimento que nunca havia sentido. Em suas digressões, ele tenta encontrar explicações para sua existência, ele parece querer encaixar coisas em passagens vazias de sua vida. O maior vazio é não ter Irene, como no trecho seguinte:

Não sabe o que fazer, não organizou um plano na vida, não tem emprego, Irene o esvazia, paralisa-o, há de reduzi-lo a fantasma. Eutanázio pensa numa coisa em que possa fixar seu pensamento, a sua imaginação longe de Irene. Vive numa espécie de pesadelo, conversando e lutando com todas as fadigas de seu corpo e com todos os exageros de sua imaginação. (JURANDIR, 1995, p.45)

Irene parece ser o único motivo que mantém Eutanázio vivo, mesmo quando ele sente necessidade de fugir da presença dela, como destacado nos trechos seguintes:

Irene está dentro dele como se fosse a sua espinha dorsal. Sem ela não se mantém em pé, não se equilibrará, tombaria como um saco vazio.” (Chove, p.49) ; “ Apesar de sua vida desorientada e amarga, tinha sempre rompido com todas as situações. Até com o patrão rompera...e só Irene permanecia no seu mundo de orgulho como um tumor que nunca vinha a furo. (JURANDIR, 1995, p. 139)

Na mediada em que a caminhada de Eutanázio se aproxima do fim inevitável, mais se afunila suas relações com o mundo. Permanecendo, não numa relação com Irene, pois ele se quer troca palavras com ela, mas perdura seu amor, ou uma idolatria pela jovem.

Ele ama Irene porque Irene é vida, é jovem, é feliz, é inocente dos males do mundo. A pureza e simplicidade de Irene o tortura e magoa, porque aquela alegria não é para ele, é dela para o mundo.

Pode-se entender que o amor de Eutanázio cresceu quando esse retornou de Belém para Cachoeira, num intervalo de tempo em que a menina se transformou numa bela mulher. Não foi uma escolha cega, foi uma série de consequências que o levaram a se encantar pela naturalidade de Irene, sua juventude e beleza. Irene é o seu oposto, isso que o atraiu e serviu como um escape e prolongamento ao final da marcha solitária.

Ela é menina e tem muita vida para viver e ele é um homem sem expectativas, doente e melancólico. Irene é o bem e o mal na “caminhada” de Eutanázio.

O riso de Irene incomoda, o sorriso dela é vida. Eutanázio sente a morte por perto, ele é sombrio. O amor que ele sente por ela não é da medida de amor que ele sabe que Irene merece. Tanto é que ele sofre ao saber do namoro dela com Resendinho, ele pressente que o rapaz se aproveitará da inocência de Irene. Ao perceber a gravidez, Eutanázio tem um mal estar, sente náuseas. O mal estar, as náuseas, as dores, o cansaço sempre presentes com Eutanázio, ajudam a caracterizá-lo. Ainda termos como “obsessões”, “infância infeliz”, “nojo”, “o silêncio de exumação de Eutanázio”, ou na passagem seguinte:

Obsessão de ver as ossadas, os vestígios de certos sonhos, certos desejos que mal se completaram, como fetos, na sua mocidade solitária e inútil. Talvez no meio das ossadas algum esqueleto esteja contorcido, denunciando um despertar de cataléptico no fundo da cova fechada. (JURANDIR, 1995, p.30)

É uma personagem tão dramática que faz lembrar Luiz da Silva, o protagonista de *Angústia*, obra de Graciliano Ramos, considerado por Antonio Candido em *Ficção e Confissão*: “o personagem mais dramático da moderna ficção brasileira.” Ambas as personagens podem se aproximar pelo drama e pela frustração, sendo Luiz da Silva de caráter mau, e Eutanázio de índole boa.

A frustração de Luiz da Silva se faz pela perda de Marina, por ela tê-lo trocado por outro, com melhor posição social e condições econômicas. Eutanázio é frustrado com sua vida, tem suas introspecções mais complacentes aos conflitos humanos.

Assim como Luiz da Silva passa por momentos de extrema angústia, Eutanázio causa a mesma impressão. O primeiro quer se lavar da culpa do assassinato e tem obsessão pela água que tem caráter purificador, o segundo sente repulsa de si mesmo pela doença que contraiu, veja o trecho: “*Tem uma súbita opressão. A doença imunda (...), parece abrir-se mais, o sexo como que pesa. Imagina que uma podridão vem do sexo e sobe vagarosamente pelo corpo, vagarosamente.*” (JURANDIR, 1995, p. 49)

Em contraste, Luiz da Silva quer se purificar no banho, enquanto Eutanázio banha-se na chuva, a chuva que o ensopa, molha suas roupas e o acompanha por todo o enredo, mesmo na hora da morte, como um réquiem na despedida final. A água da

chuva tem o poder purificador que Eutanázio precisa. O protagonista proclama pela chuva em meio a esses devaneios noturnos:

Eutanázio sente o peso do sujo no corpo, a vontade dum banho.
Como dormiria, talvez, depois dum banho! ...Quer que a chuva que cai em
Cachoeira, nos campos, fique caindo toda a noite sobre ele como um sono.
(JURANDIR, 1995 p. 90)

O protagonista de *Angústia* aniquila valores, é tudo nivelado à depravação de valores pela corrupção e opressão. Luiz da Silva não preza a vida e nem a si mesmo. Eutanázio também não gosta da vida e nem da sua pessoa, como é percebido na passagem seguinte: “*Tinha em certos momentos até vontade de receber mil insultos que o magoassem muito, humilhassem-no, sentia delícia na tortura.*” (JURANDIR, 1995, p.24)

Eutanázio ainda mostra uma ideia de sadomasoquismo, principalmente quando pensa em mostrar a doença à D. Gemi, imaginando a reação da mulher, ele demonstra prazer em constrangê-la.

Eutanázio se afugenta nos dramas alheios, na falta de dinheiro que consome Seu Cristovão, na miséria de Felícia. O único mal que pratica na narrativa é o roubo dos 30 mil réis da infeliz Felícia, o que lhe causa extrema dor de consciência.

Esse personagem dramático, marcado pelas angústias humanas é destacado na narrativa como aquele em que o narrador identifica-se, aproximando o leitor de todos os seus pensamentos emblemáticos.

Na hora de sua morte, ele revê Irene, nela não reconhece a Irene má, que muito o machucou. Ele vê uma Irene maternal, uma desconhecida. Não sabe quem é essa Irene e só sabe que levava consigo a Irene do riso mau.

Uma iniciativa que contribui para perpetuação das personagens dalcidianas, no caso de Eutanázio, também à reflexão dos problemas de ordem humana e universal foi a ideia de levar à cena o universo de Dalcídio. A Usina Contemporânea de Teatro apresentou no ano de 2009, com iniciativa do Instituto de Artes do Pará, o espetáculo “*Eutanázio e o princípio do mundo*” (direção de Alberto Silva Neto), com título que contrasta com o último capítulo do romance que é “*Irene é o princípio do mundo*”.

Traz Eutanázio, um homem doente que relembra o passado ao caminhar para o fim, tendo sua vida narrada pela voz de três mulheres que marcaram sua vida: Irene, Raquel e Felícia.¹⁴

A leitura da obra e a construção de uma personagem de valor introspectivo como Eutanázio traz reconhecimento literário, ganhando visualização além das fronteiras da obra ficcional dalcidiana.

¹⁴ Acesso em 10/2010, <http://diariodopara.diarioonline.com.br/>

6 IRENE E O RISO DE IRENE

Alguns nomes da obra trazem consigo forte significação e não foram escolhidos aleatoriamente, caso de Felícia e Eutanázio; parece que Irene também pode representar no nome algo que a caracterize ou que colabore para o enredo. Na mitologia grega, Eirene do grego e Irene no português é a deusa da Paz e uma das divindades das Horas. A paz era considerada, entre os gregos, como algo passageiro, algo temporário.¹⁵

Possivelmente, o autor tenha conciliado essa ideia à personagem que por ironia não trazia paz a Eutanázio, mas angústia e sofrimento. Nos seus percursos até a casa de Irene, se referia ao tempo, em não perder tempo para chegar até lá. Como num ritual, a necessidade de vê-la mesmo para seu desassossego. A passagem das horas longe de Irene o deixa impaciente, o transcorrer do tempo é torturante para Eutanázio, vejamos no trecho que segue:

As horas pingam vagarosamente sobre a sua solidão. Falta-lhe ar, se agonia com aquela nuvem negra e quer gritar para o pequeno relógio de seu pai: - Pára! Pára! Não posso mais! Os risos de Irene caem sobre as horas como pedras pontiagudas. Eutanázio sai da janela e senta-se. Sacudiu a cabeça. A nuvem passava. Tinha de sair logo. (JURANDIR, 1995, p. 28)

A moça Irene é uma típica adolescente na maneira que age e que se comporta na frente de outras pessoas, quando ri e quando é malcriada, com idade de uns quatorze anos. Não estuda, vive com a família e tem um namorado, o Resendinho, com quem descobre a sexualidade. Engravidada para o desespero de Eutanázio que sofre por ela. Resendinho, filho de família endinheirada, vai para Belém, provavelmente para não assumir a paternidade.

Irene descrita com muita naturalidade pelo narrador. Quanto as suas características psicológicas e pensamentos íntimos é quase imperceptível, por exemplo, na descrição em que Eutanázio se coloca a observar Irene até perceber sua gravidez:

Mas permanecia bela naquela postura como uma árvore vergada de fruto e o vento sacudia a manga de sua blusa que parecia tremer como as folhas do limoeiro que crescia junto da cerca, defronte da janela. Não podia observar bem se o ventre crescia, se os peitos se transformavam, se as ancas...Irene

¹⁵ Acesso em 10/2010, <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/MGEirene.html>

podia surpreende-lo. Nunca se decidiria a um exame tão demorado do corpo de Irene, dos pensamentos, da alma de Irene...Aquele carne adolescente adquiria todas as formas dum ser que estivesse concebendo. (JURANDIR, 1995, p. 220)

O narrador faz voltas em torno da personagem, mas há o momento em que Irene é focada a ponto de se permitir aparecer suas intenções, quando se dirige a Eutanázio e o afronta por causa de uma fofoca que ele teria espalhado na vila a respeito da intimidade dela e Resendinho.

Na passagem em que Eutanázio chega à casa de Seu Cristovão, que está cheia de mulheres, o protagonista fica envergonhado diante das risadas de Irene, passa a imaginar que é dele que ela ri. Sente-se constrangido. Nessa passagem o narrador se identifica com Eutanázio, pois passa a narrar os seus pensamentos e dramas perante a atitude de Irene, sem revelar os motivos da moça, apenas há uma hipótese de que a moça se diverte à custa de Eutanázio, mas tudo pela percepção do protagonista.

Irene ri, o riso incomoda Eutanázio, pois do quê ela ri? Ri dos sentimentos que ele nutriu por ela ou ri de sua aparência física? Para Propp o riso de alguém que possa ofender vem de uma pessoa moralmente imatura. Parece ser o caso de Irene, adolescente que se destaca na obra pelo riso. Segundo Propp *“Já sabemos que cômicos justamente são os defeitos, mas somente aqueles cuja existência e aspecto não nos ofendam e não nos revoltem, e ao mesmo tempo não suscitem piedade e compaixão.”* (Propp, 1992, p. 60).

Justifica-se o riso de Irene em um trecho que contem a descrição de Eutanázio: *“Raquítico, tinha olhos sombrios, os dedos trêmulos, continuas dores de dentes.”* (JURANDIR, 1995, p.35). Motivo que deve levar Irene ao riso, sem esquecer das características psicológicas de Eutanázio, contemplativo e silencioso.

Ela é uma personagem criada para agir com naturalidade, sem intenções de ferir, mas pela sua natureza pode ser interpretada como uma vilã que recebe presentes daquele que despreza, por intermédio da avó e da mãe, na frente de Eutanázio ela provoca o descontentamento, mas ele sabe que ela se beneficiará dos presentes simples e baratos.

A imagem de Irene grávida faz Eutanázio ver a continuidade da vida, numa intertextualidade com a bíblia, criando para Irene uma nova figura, quase religiosa, com o poder da vida:

Desejou passar a mão naquele ventre que crescia vagaroso como a enchente, com a chuva que estava caindo sobre os campos. desejaria beijá-lo. Estava vendo ali a criação, a Genesis, a vida. Havia nela qualquer coisa de satisfeito, e profundamente calmo e de inocente. Não dava mostra de sofrimento, nem de queixa, nem de ostentação. Era como a terra no inverno. Seu ventre recebeu o amor como uma terra. Como a terra dos campos de Cachoeira recebia as grandes chuvas. (JURANDIR, 1995, p.285)

Irene, então, passa a ter na visão moribunda de Eutanázio outra postura, a postura sem maldade, sem o riso, o olhar que o levou a degradação da vida e as atitudes más.

Em matéria na extinta Revista Troppo, do Jornal "O Liberal", no ano de 2001, Suely Nascimento, pesquisadora de Dalcídio, sob o título de "*O mágico do Marajó*", ela descreve sua percepção da obra dalcidiana: "*O escritor tem a magia de um mago, a palavra é mágica, encanta quem mergulha nas águas desse arquipélago ou no toque do caroço de tucumã que nos leva para o mundo de Dalcídio.*"

Conta nesse artigo a influencia da leitura da obra Dalcidiana sobre estudantes que se encantaram com a personagem Irene, e para a qual compuseram uma canção:

As vozes de três universitários de Soure ecoa pela sala de aula. Hilton, Ivete e Rizete combinaram palavras e versos. Como uma modinha da vida pacata do interior, eles cantaram uma música para Irene, personagem de Dalcídio Jurandir:

- Ela é moça bonita / Ela é morena / Tem cabelos lisos, secos e desarrumados / Tem dentes perfeitos / Ela tem nádegas roxas / Joelhos grossos / E os pés sujos / Peitos como garras com bicos agressivos / E ainda ela tem zona clara na coxa / Irene é maldosa / Malvada / Maliciosa, é atrevida / Ela é antipática, bruta e debochada...¹⁶

Importante esse deslocamento para mostra como uma personagem pode marcar o enredo, tanto marca que é capaz de criar "independência" e ganhar luz própria, fora da obra. O enredo sem Irene, não existiria com a mesma proporção, nem seria a mesma história. Contudo, Irene, depois de "ficcionalizada", ganha autonomia extra livro. É uma personagem feminina como tantas outras que ganham destaque por suas características e passam a ser referidas por suas marcas.

Tomo-a como exemplo, pois ela é o objeto de análise, mas poderia se falar de autonomias para outras personagens. Marcantes como Macabéia, Capitu, Maria Moura, que já consagradas pelas obras, tem na particularidade de ser personagem um lugar de destaque, quando se fala o nome da personagem, sabe-se de quem se fala, torna-se de senso comum àqueles que compartilham desse conhecimento de leitura em particular.

¹⁶ Acesso em 22/10/2010, http://elismarchioni.blog.uol.com.br/arch2002-11-10_2002-11-16.html

Quem conhece a obra, não esquece a personagem, que se torna referência a contextos além do ficcional.

Depois de ler *Chove nos campos de Cachoeira* é fácil lembrar-se de Irene e mesmo criar para ela forma de corpo, cabelos e sorriso, digo, risos, muitos risos.

7 NARRATIVAS DE LUGARES: “VIDAS SECAS” E “CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA”

“*Vidas secas*” é um dos grandes clássicos do Romance de 30 e sua narrativa é adequada ao contraste que proponho: apontar os usos das paisagens e movimentos da natureza, assim como os recursos da linguagem na construção literária. A obra dalcidiana apresenta as paisagens amazônicas, os ciclos naturais e as chuvas marcantes da região. Ambas tendem ao contraste pelo cenário árido de um e os campos alagados de outro e pela sua produção característica do modernismo da segunda fase, em que a tendência é mostrar as regiões marginais do país.

A obra de Graciliano apresenta na sua estrutura e linguagem, bem como na construção das personagens uma aproximação com a temática árida do sertão. A prosa traz na sua composição todos os recursos para representar com exatidão a realidade dura do nordestino e cotidiano marcado pela seca. O prof. Paulo Nunes chama de “sederrativa”: “estilo condensado, lacônico, quase telegráfico, demarcado por períodos curtos, significativo em abundância semântica na seleção do repertório de palavras, nos remetem à aridez do sertão nordestino: *lagoa seca, torrada, catingueira, catinga deserta.*”

Ao analisar a obra de Dalcídio Jurandir, “*Chove nos Campo de Cachoeira*”, surge para ele, outro termo, o “aquotexto”. Seguindo tais termos e buscando nas obras trechos para exemplificar essas denominações, constatam-se em “*Vidas secas*” alguns pontos como a paisagem árida, numa composição de narrativa do seco, também um estilo literário marcado por blocos textuais de linguagem enxuta, marcado por personagens que usam de interjeições e se comunicam com economia de palavras, gestos e vocábulos que deflagram a temática.

A partir desses elementos buscou-se em primeiro a descrição da paisagem como no capítulo inicial:

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredia bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala. (RAMOS, 2003, p.09)

Esse trecho dá conta de apresentar a narrativa de frases curtas que se fecha num bloco textual, descreve a paisagem ao mesmo tempo em que cria um movimento de

cenário. O estilo narrativo apóia-se em frases sem subordinação, como no trecho destacado: “*Entristeceu. Considerar-se plantado em terra alheia! Engano. A sina dele era correr mundo, andar para cima e para baixo, à toa, como judeu errante. Um vagabundo empurrado pela seca.*” (p.19)

O diálogo das personagens é norteado pelas interjeições, como se observa no capítulo “Inverno” em que os pensamentos de Fabiano vêm seguidos de exclamações ao pensar na possibilidade da casa ruir com a chuva. Já em outro momento o narrador acaba por não reproduzir as palavras, apenas indica os diálogos:

(...) Não era propriamente conversa: eram frases soltas, espaçadas, com repetições e incongruências. Às vezes uma interjeição gutural dava energia ao discurso ambíguo (...). Como os recursos de expressão eram minguados, tentavam remediar a deficiência falando alto... (ibid, p. 64)

O estilo narrativo de “Vidas secas” mereceu de João Cabral de Melo Neto o poema “Graciliano Ramos”, o poeta invoca o nome do autor do clássico romance para enfatizar a escolha gramatical da obra, Graciliano reconstrói a linguagem com uma gramática fechada, com os mesmos recursos vocabulares, com uso da palavra exata para cada seguimento narrativo. Também assim fez o poeta ao retomar o tema e engrandecer a forma como foi criada a prosa: “*Falo somente com o que falo:/ com as mesmas vinte palavras/ girando ao redor do sol*”.

No caminho comparativo da “seconarrativa” em Graciliano Ramos vem a “aquonarrativa” na obra dalcidiana, na qual se destaca a paisagem de campos alagados, com estrutura chamada de “rio-narrativa”, de estilo poético, marcado pela reflução de memória e personagens isolados em suas reflexões, tendo como pano de fundo a chuva que flui por todo o texto por vezes como uma “testemunha”.

A descrição de campos alagados e da chuva que cai em Cachoeira marca toda a obra, na descrição da paisagem há um céu pesado de nuvens e logo após os campos, é uma imagem que se repete na obra. Como nas passagens em destaque:

Uma nuvem mais pesada de chuva cresceu no céu. Quando chove, Cachoeira fica encharcada. Os campos de Cachoeira vinham de longe olhar as casas da vila à beira do rio, com desejo de partir com aquelas águas.” (pag.23) . E também no trecho: “A chuva cresce sobre Cachoeira...Os campos enchem...As águas invadem os campos. O chalé é agora uma ilha. (JURANDIR, 1995, p.275)

As inundações dos campos, a chuva aparece nas tardes, sempre no mesmo horário, momento esperado pelo menino Alfredo, que sai para comprar o quilinho de carne, a presença do rio, do *Lobato* que traz e leva notícias pelas águas, é lembrado por Massaud Moisés (pg.265) como elementos que configuram uma estrutura do que ele chamou de “rio-narrativa”.

O estilo literário de Dalcídio Jurandir se apresenta com orações de períodos longos e trato poético, assim ocorre no trecho em que o inverno chega:

Feito uma ilha nos campos cheios, defronte do rio cheio, o chalé ficava mais distante do mundo, mais longe da cidade, parecia boiar nas águas e se perder pelos campos, desaparecer pelos lagos.” (JURANDIR, 1995, p. 284)

O personagem Eutanázio, irmão mais velho do menino Alberto, é exemplo de isolamento e reflexões, assim é destacado abaixo:

Fica assim na moleza da noite, gozando o seu próprio aniquilamento. Um mundo de incoerências flutuava nas suas fatigantes e infinitas auto-análises. (...) Trouxe de Belém uma palavra que só pronunciava para si, achada num velho dicionário: hipocondríaco. Todos os dias repete várias vezes a palavra. Agora repete dez, vinte vezes (...). (ibid, p. 29)

Na passagem seguinte, também: “*Os primeiros desenganos ruins demais para a sua sensibilidade, ou melhor, para a sua irritabilidade. As enterrara tudo sem saber se estava morto ou não. Daí o seu silêncio de exumação.*” (p. 29)

Entre as duas obras em questão, uma aproximação é o tempo narrativo fortemente marcado pelas estações do ano. Em “*Vidas secas*”, a chegada da família de Fabiano ao sítio coincide com a chegada da chuva: “*Uma, duas, três, havia mais de cinco estrelas no céu. A lua estava de um halo cor de leite. Ia chover. Bem.*” (p.15). Essa passagem indica a chegada de uma nova estação, o ciclo de chuvas, característico do inverno, logo após, a família está em definitivo na fazenda, cuidando de seus afazeres e Fabiano do gado que aumentava. O trecho na pg. 23 lembra que outro ciclo se aproxima o verão, a estação da seca. “*Se a seca chegasse, não ficaria planta verde. Arrepiou-se. Chegaria, naturalmente*”.

No capítulo “*Inverno*” é mais clara a marca de tempo decorrido na narrativa. Alguns meses transcorreram. Já no capítulo “*Fuga*”, fecha-se mais um movimento da natureza, agora com a chegada da seca que acaba por expulsar os retirantes para outras paragens.

Em “*Chove nos Campo de Cachoeira*”, o tempo narrativo também se observa pelas estações que passam. As grandes cheias são típicas do inverno e estão presentes a cada mudança do tempo corrido, assim como na passagem: “*Os campos se queimam mas em Janeiro as grandes chuvas lavam a marca do fogo. (...) Alfredo sabe que ... Nem as grandes chuvas em Março curam a marca das feridas.*” (p.18)

O trecho acima está no primeiro capítulo, quando Alfredo volta para casa depois de um passeio e fica a pensar na chegada da chuva, anúncio de inverno. Portanto ainda é verão e a imagem do morurés floridos na água é referente ao ciclo que se aproxima.

A vinda da estação mais chuvosa do ano mostra no texto a mudança no cotidiano do povo da Cachoeira, Major Alberto manda preparar a ponte de tábuas, retirada com o fim da última cheia. Essa é a maneira que as pessoas da casa têm, durante o inverno, para chegar à estrada que leva à parte de cima da vila.

No tempo narrativo marca o fim de um ciclo e início de outro, inverno e verão se alternam. Como no trecho a seguir: “*O tempo vai fechar. Começará o inverno e Major repetirá o: Ó que aspérrio Dezembro! Nas manhãs de Março, esperando a chuva passar para seguir para a Intendência.*” (p. 261)

Para Alfredo a chegada do inverno é outro sinal, de que sua ida para Belém foi prorrogada, mais um ano que passa, mais uma vez seu sonho é adiado:

Com as primeiras chuvas, o campo ficou verde, encharcou, Cachoeira ficou mais escura e mais triste. Faltava nos campos encharcados a sombra de Eutanázio andando. (...) Alfredo sofria a quase certeza de que era impossível partir. (ibid, p. 266)

Os pensamentos de Alfredo vão buscar os carocinhos submersos n’água, seus sonhos estão com os carocinhos de tucumã, esperando por mais um inverno: “*O tanque dos carocinhos desapareceu n’ água e Alfredo ouve D. Amélia se queixar que o inverno de novo matou a horta.*” (p.275)

Em ambas as obras há personagens fechados como ostras, Eutanásio, um homem solitário que sofre um amor não correspondido, sofre também pelas dores do mundo, lamenta a pobreza dos outros, mas se fecha em si mesmo, não é um lutador, nem um forte. Eutanásio não aceitou a vida e também não aceita a morte, mas para a morte que ele vai lentamente, prefere morrer a viver testemunhando a tristeza de Seu Cristóvão ou a má sorte de Felícia ou sofrendo por Irene.

Ele é um homem que chora por dentro e se fecha para o mundo. Já Fabiano, usando as palavras de Euclides da Cunha, é um forte. Ele aceita a vida que tem, fecha-se

como uma ostra para o mundo, mas tem esperança, vê a possibilidade de recomeço, por isso migra, pois tem uma casca dura, criada para se proteger do “homem branco”.

Fabiano se considera um bronco, cala-se diante do Soldado Amarelo, mas tem consciência da sua força e coragem. Diferente de Eutanásio, que sonhava em ser poeta, é reconhecido como um letrado na sua vila e chamado para escrever cartas de amor, mas prefere a morte, deseja fugir e sabe que é um fraco diante do mundo que o cerca.

Enquanto Fabiano recomeça o caminho e vai a busca de nova oportunidade de vida, visualizando a paisagem sertaneja, Eutanásio vai ao encontro da morte, sentindo medo e dor com a sonoridade da chuva que cobre toda a vila de Cachoeira.

Em *Aquonarrativa ou o encharcar-se na poética de Dalcídio Jurandir*, Paulo Nunes diz: “*percebi uma obra repleta de encharcados, uma estética do romance que mostra a supremacia do elemento aquático sobre os demais elementais da natureza*”.

Com a observação da importância da água para a obra citada, volta-se para outro contraste com o romance de Graciliano. A chuva tem representação simbólica, tanto na aridez inóspita de “*Vidas Secas*” como nas inundações de “*Chove nos Campo de Cachoeira*”. Na primeira obra, a falta de chuva causa à paisagem um aniquilamento da vida. O homem é o único ser que ainda consegue sobreviver sem as cores da natureza. Os dias são sempre muito claros, a terra estéril, pobre de imagens de cores intensas.

Já no texto dalcidiano a água traz a simbologia da vida, da água nasce a vida, pois a água representa o “sémem” de que a terra necessita para deixar a vida prosperar: “*Os campos ficam verdes e se deixam depois ficar dentro d’água e os mururés florescem entre os peixes*”(p.18).

Na “aquonarrativa” a terra está em freqüente “fecundação”, já que as chuvas são costumeiras durante os dias e abundantes no inverno. Com as cheias aparecem cobras, jacarés, mururés, peixes, como se brotasse do seio da terra. A riqueza e diversidade da natureza se devem às chuvas, suas águas ricas do poder da vida. A palafita se torna uma ilha, porém da sua janela se observa o animais em movimento, debaixo do soalho soa grunhidos de bichos, que para Alfredo será sempre uma maneira de lembrar-se daquele lugar de forma inebriante, da vida que brota e do movimento que dela se espera. Ao contrário ocorre na “secorrativa” à ausência desse elemento, deixando o ambiente impróprio para vida. Há um fio de esperança quando ressurgem nuvens e num inverno de chuvas fortes a terra volta a ser “fecundada”, dando por mais um tempo uma folga e um refúgio àqueles retirantes da seca.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que Dalcídio Jurandir deixou um conjunto de obras que ainda está por ser divulgado ao público leitor. Seu primeiro livro *Chove nos campos de Cachoeira*, consagrado pelo prêmio D. Casmurro, ainda hoje é desconhecido do leitor comum. Sem dúvida, uma obra de intenso enredo e narrativa peculiar.

Nos estudos recentes da obra do autor, como já foi constatado, já se observa um interesse maior para a obra dalcidiana, crescente pelo fato da estrutura narrativa complexa e também pela discussão por uma revisão da historiografia da literatura brasileira. A leitura da obra se faz importante não é só pela História Literária, mas pelas “particularidades”, pelo modo moderno de se fazer romance, pela sua estrutura narrativa, construção de narrador e pelos temas tratados.

Em *Chove nos campos de Cachoeira*, de Dalcídio Jurandir, observamos a sociedade em estágio de decadência, principalmente das instituições sociais da Família e Estado num enfoque de desconstrução. Em outro enfoque olhamos para os elementos que formam as classes sociais, numa visão de destaque para a vida cotidiana, simples e íntima dos pescadores, dos vaqueiros, da costureira, da prostituta, de mulheres e homens amazonidas.

Destacamos a questão do uso da oralidade, o trabalho com a linguagem simples sem o apelo estético clássico, pontos que valorizam a obra dalcidiana, assim como a fragmentação narrativa e a visão do narrador, mostrando o lugar de onde fala dos lugares, da paisagem e cultura.

Focamos a leitura na importância da criação de seus personagens em meio ao regionalismo, vivendo situações de caráter universais. Ressaltamos a personagem Alfredo seus conflitos de identidade, seus sonhos e fugas da realidade, usando de elementos culturalmente conhecidos como o caroço de tucumã que se torna elemento simbólico, ligando o menino ao universo amazônico. Também Eutanázio com suas introspecções, lamentos e morte, fortemente ligado à realidade do mundo ao seu redor, e Irene, a adolescente que encanta e desencanta Eutanázio.

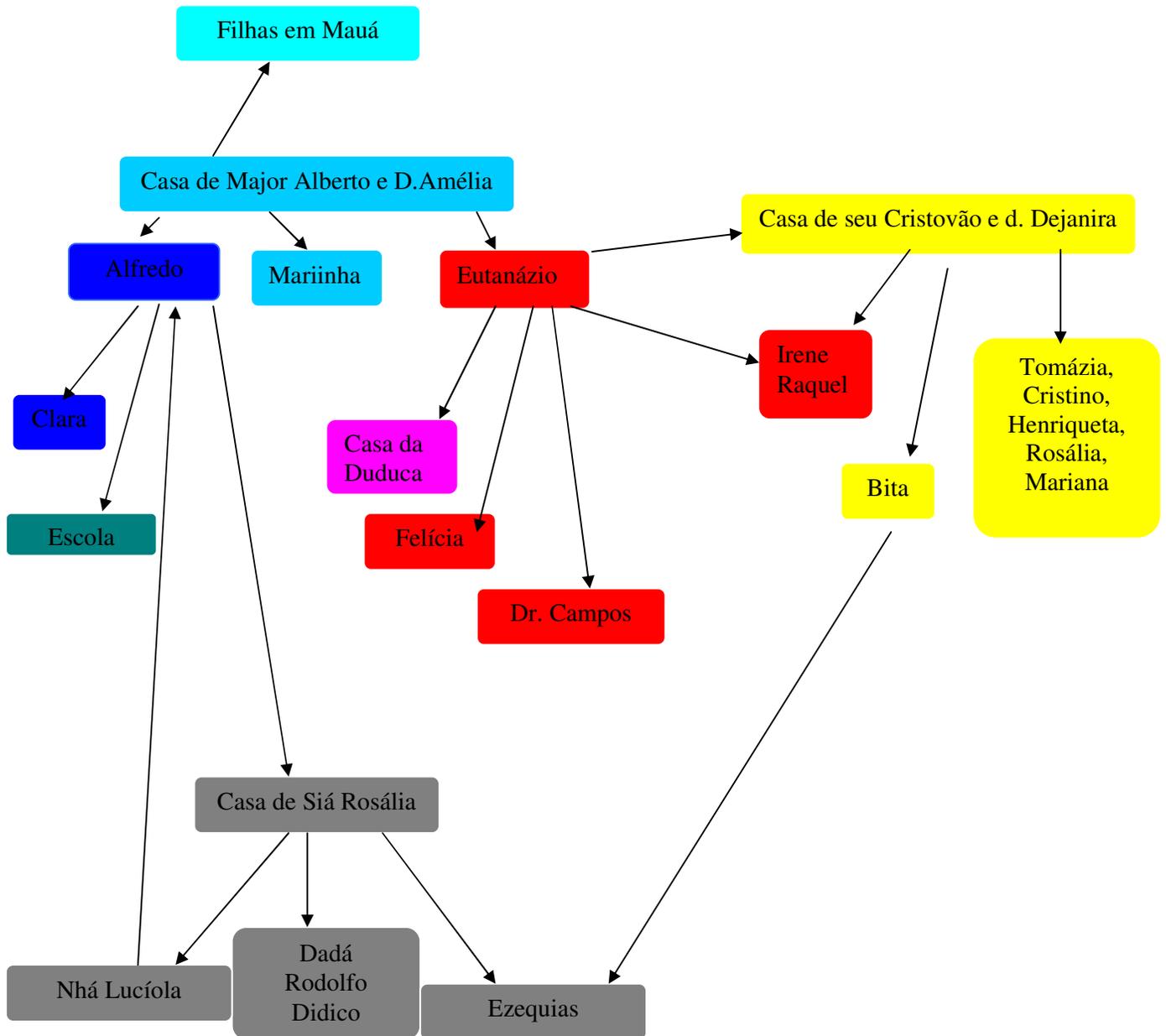
Olhamos para o espaço das personagens, principalmente para o chalé, *a ilha entre águas*, representação do isolamento próprio para a digressão, casa de Alfredo, Major e Eutanázio, que, assim como a alma, é onde ocorrem os pensamentos e reflexões mais profundos sobre as questões existências que percorre a obra, vida e morte, honestidade e solidariedade humana, o amor e o ódio.

Chove nos campos de Cachoeira foi prestigiado em um trabalho comparativo com a obra *Vidas Secas* em que se olhou para a relação das personagens com as paisagens e os movimentos da natureza, ainda no mesmo estudo se salientaram os aspectos dispares de Fabiano e Eutanázio.

Dalcídio Jurandir mostrou a Amazônia na sua totalidade e o homem amazônico de quem revelou *o ser*, nos ligamos a ideia que mais do que fazer um romance, ele trabalhou a figura do homem estendendo essa análise além das fronteiras dos conflitos sociais, atingindo as reflexões humanas.

A obra cumpre sua função de romance moderno como meio de expressão da literatura, caso da literatura brasileira, tanto como instrumento de evasão, como crítica social.

ANEXO



REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. Notas de literatura I. São Paulo: Ed. 34; 2003. 173p.
- ASSMAR, Olinda Batista. Dalcídio Jurandir: Um olhar sobre a Amazônia. Rio de Janeiro: Galo Branco, 2003.
- BENJAMIN, Walter. Textos escolhidos. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural; 1983. 343 p.: il.
- DACANAL, José Hildebrando. O romance de 30. 3. ed. ampl. Porto Alegre: Novo Século, 2001. 114 p.
- ECO, Umberto. Seis passeios pelo bosque da ficção. São. Paulo: Companhia das Letras, 1994. 158p.
- FREIRE, José Alonso Tôrres. *Variações em torno do mesmo tema: a descida*. UFMG.
- FURTADO, Marli. Dalcídio Jurandir e o realismo socialista: primeiras investigações. XI Congresso Internacional da ABRALIC Tessituras, Interações, Convergências. USP – São Paulo, Brasil, 2008.
- GUNTER, Karl Pressler. Dalcídio Jurandir — *A escrita do mundo Marajoara não é regional, é Universal*. UFPA.
- ISER, Wolfgang. O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária. Rio de Janeiro. Ed. da UERJ, 1996, p.250-300.
- JURANDIR, Dalcídio. Chove nos campos de Cachoeira. 4ed. Belém: Cejup, 1995. - Edição crítica Chove nos campos de Cachoeira/Rosa Assis. Belém:UNAMA, 1998.
- MOISES, Massaud. História da literatura brasileira. 3. Ed. rev. e aum. São Paulo: Cultrix, 1996. 574 p.
- MOOG, Viana. *Uma interpretação da Literatura Brasileira*. Conferencia lida no Salão de Conferências da Biblioteca dos Ministérios das Relações. Ed. Casa do Estudante, Rio de Janeiro. 1943.
- NUNES, Paulo. Aguonarrativa ou o encharcar-se na poética de Dalcídio Jurandir. I Colóquio Dalcídio Jurandir, 2001.
- NUNES, Benedito José Viana da Costa. O tempo na narrativa. 2. Ed. São Paulo: Ática, 1995.
- PROPP, Wladimir. Comicidade e riso. São Paulo: Ática, 1992. 215 p.
- RAMOS, Graciliano. Vidas Secas. 92ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- ROSENFELD, Anatol. Texto/contexto. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996. 270 p.

SOUZA, Antonio Candido de Mello e. A personagem de ficção. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976. 125 p.

SOUZA, Antonio Candido de Mello e. Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992

WWW.dalcidiorurandir.com.br

WWW.dbd.puc-rio.br

WWW.dec.ufcg.edu.br/biografias/MGEirene.html

WWW.diariodopara.diarionlaine.com.br

WWW.lettras.ufmg.br/poslit

WWW.pucrs.br/fale/pos/historiadaliteratura